



## MAPEAMENTO DA COVID-19 ENTRE OS POVOS INDÍGENAS NO ESTADO DO MARANHÃO

Ana Caroline Amorim Oliveira  
Universidade Federal do Maranhão – UFMA (Brasil)  
Endereço eletrônico: oliveira.ana@ufma.br

Daisy Damasceno Araújo  
Instituto Federal do Maranhão – IFMA (Brasil)  
Endereço eletrônico: daisy.araujo@ifma.edu.br

Rodrigo Theophilo Folhes  
Universidade Federal do Maranhão – UFMA (Brasil)  
Endereço eletrônico: rodrigofolhes@yahoo.com.br

1733

### INTRODUÇÃO

O presente resumo tem por objetivo apresentar o mapeamento da pandemia da Covid-19 e seus desafios no período de 2020-2021 entre os povos originários localizados no estado do Maranhão. Por meio do Projeto Rede (CO)Vida - Rede de Mapeamento da Pandemia da Covid-19 entre os povos indígenas no estado do Maranhão (REDE (CO)VIDA, 2020), realizado pelo Coletivo Mururu, identificamos as diversas negligências (ausências e silenciamentos) em relação a situação sanitária dos indígenas durante a pandemia da Covid-19.

O primeiro registro de casos de contaminação pela Covid-19 entre povos indígenas no Maranhão, apresentado pela Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI) e pelo Distrito Sanitário Especial Indígena do estado (DSEI-MA), ocorreu no dia 13 de maio de 2020. A partir de então se inicia o rápido avanço da contaminação pelo novo coronavírus entre os indígenas, elevando o Maranhão ao patamar negativo de epicentro da pandemia da Covid-19 entre povos indígenas no Brasil no dia 06 de julho do mesmo ano. A metodologia adotada pela SESAI/DSEI-MA para informar a situação epidemiológica dos números da Covid-19 entre os povos indígenas no Brasil e, especificamente no Maranhão, além de mapear somente os dados dos povos ditos “aldeados”, ocultava/oculta quais eram os povos que estavam sendo contaminados pelo novo coronavírus.



Em seus “Informes Epidemiológicos” o órgão de saúde indígena fazia referência à contaminação entre indígenas no estado, mas sem especificar o povo e/ou território de pertencimento. O mesmo procedimento metodológico seguia/seguia a Secretaria Estadual de Saúde do Maranhão e algumas das secretarias municipais para informar o número de indígenas contaminados pela Covid-19, demarcando a falta de articulação/comunicação entre a SESAI e as respectivas secretarias. Estas últimas, apesar de não apresentarem os povos em seus boletins epidemiológicos, se referem aos casos da Covid-19 entre indígenas a partir de termos genéricos como “Aldeias”, “Áreas indígenas” e, muito raramente, “Terras Indígenas”.

1734

## METODOLOGIA

Os dados da Covid-19 entre povos indígenas no Maranhão foram consultados nos sítios eletrônicos das prefeituras municipais, do governo do estado do Maranhão, Ministério da Saúde e Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI), e, principalmente, nos perfis oficiais nas redes sociais das respectivas prefeituras e secretarias (estadual e municipais). Esses dados foram acrescidos e confrontados com outros disponibilizados pelos órgãos indigenistas da sociedade civil e organizações indígenas, a exemplo dos dados disponibilizados pelo Conselho Indigenista Missionário (CIMI) e Comitê Estatístico do Maranhão. Um ponto essencial foi a comunicação direta com membros dos diversos povos indígenas buscando articular as informações e relatos das comunidades com os dados das instituições indigenistas.

Ao analisar essas informações *on-line* em diálogo com as comunidades indígenas através dos recursos eletrônicos, a pesquisa possibilitou um outro olhar para a construção do trabalho antropológico “tradicional”, enriquecendo nossas experiências metodológicas. Miller (2020) ao afirmar que situações de pesquisa *on-line* ou *off-line* não precisam ser entendidas como distintas, pois se tratam de relações de sociabilidade criadas e experienciadas pelos envolvidos, exemplifica o modo como nos relacionamos com o fazer antropológico nessas situações em que o campo não se processa pelas relações face-a-face.

A partir desse percurso metodológico sistematizamos os dados mapeados de maio a agosto de 2020, que resultaram na divulgação de sete (7) boletins epidemiológicos, seis (6) mapas e diversos ensaios sobre a situação sanitária dos povos indígenas no estado. A partir destes dados, buscamos construir diálogos e reflexões

Realização:



Apoio:





acerca dos impactos da pandemia entre os povos indígenas no Maranhão e das dificuldades na coleta de dados no contexto de isolamento social. Estes desafios refletem diretamente no exercício da pesquisa e na análise socioantropológica dos dados.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Da totalidade de duzentos e dezessete (217) municípios no estado, trinta e sete (37) deles incidem em territórios indígenas, demarcados e não demarcados (IBGE, 2010). Os boletins desses municípios foram as nossas fontes iniciais na coleta de dados sobre a Covid-19 entre os indígenas no Maranhão, partindo do pressuposto inicial de invisibilidade dos dados por parte da SESAI/DSEIMA, da Secretaria de Saúde do Estado do Maranhão e das secretarias municipais de saúde. As bases cartográficas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e da Fundação Nacional do Índio (FUNAI) nos ajudaram no processo de visualização dos municípios que incidem sobre os territórios indígenas no estado. Os primeiros mapas que divulgamos apresentavam os dados gerais da Covid-19 em alguns destes municípios. Através dos mapas era possível observar pelas cores a proporção de casos notificados do novo coronavírus em cada um dos municípios. À medida que o número de casos de Covid-19 nessas áreas crescia, as chances de contágio nos territórios indígenas eram potencializadas.

A visualização regional desses dados epidêmicos nos ajudaram a ter uma dimensão do impacto da Covid-19 entre os povos que habitam naqueles espaços, cada vez que os números aumentavam nos municípios.

Tendo como referência os municípios, procuramos qualificar os dados a partir das informações primárias coletadas. No início da sistematização começamos mapeando um total de vinte e nove (29) municípios que incidem sobre territórios indígenas. Posteriormente, aumentamos esse número para trinta e um (31) e depois trinta e três (33) municípios, à medida que ampliamos nossas pesquisas acerca dos povos indígenas do estado, consultando informações em diferentes bancos de dados. Quatro (04) municípios ficaram de fora desse mapeamento inicial, por se referirem a territórios em disputa por povos em processo de *retomada* ou *levante*, acerca dos quais tínhamos poucas informações. Em nosso primeiro boletim, de 31 de maio de 2020, apresentamos dados gerais da Covid-19 em vinte e nove (29) municípios, com dados do número de “suspeitos”, “notificados”, “confirmados”, “monitorados”, “recuperados”, “óbitos” e



“descartados”. Realizamos o mapeamento nos respectivos sítios eletrônicos e perfis das prefeituras nas redes sociais e identificamos que somente seis (06) dos vinte e nove (29) municípios fizeram referência a casos de contaminação entre povos indígenas: Amarante do Maranhão, Arame, Bom Jardim, Grajaú, Montes Altos e Sítio Novo. Em nenhum deles constava o povo que estava sendo contaminado pelo novo coronavírus.

A publicização dos dados da Covid-19 a cada boletim epidemiológico publicado pela Rede (CO) Vida reiterava a urgência de fortalecer a política indigenista de enfrentamento da questão sanitária vivida pelos povos indígenas, sobretudo, quando o estado do Maranhão atingiu o lugar de epicentro dos casos da Covid-19 entre indígenas no Brasil.

1736

## CONCLUSÕES

O mapeamento da pandemia entre os povos indígenas no Maranhão pelo Coletivo Mururu, através do Projeto Rede (CO)Vida, teve como objetivo principal entender a forma como o estado disponibilizava as informações de contágio indígena; acompanhar o crescimento desse contágio; e verificar a veracidade e ocultação de dados pelos setores responsáveis. Com isso, buscamos dar visibilidade às fragilidades das políticas públicas de enfrentamento à pandemia – mais uma a ceivar vidas indígenas. E ao seguirmos as ausências das informações conseguimos identificar um contraste entre um projeto de morte gerido pelo governo federal e um projeto de vida levado a efeito pelos próprios povos e seus parceiros a partir da construção de estratégias de resistência e contenção do vírus.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mapeamento. Pandemia da Covid-19. Povos originários. Maranhão.

Realização:



Apoio:





## REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Centro Gráfico, 1988. IBGE. Censo 2010. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/> Acesso em: 20 de maio de 2021. ISA-Instituto Socioambiental. Terra Indígena Arariboia. Disponível em: <https://terrasindigenas.org.br/pt-br/terras-indigenas/3600> Acesso em: 20 de maio de 2021.

ISA-Instituto Socioambiental. Terra Indígena Krikati. Disponível em: <https://terrasindigenas.org.br/pt-br/terras-indigenas/3600> Acesso em: 20 de maio de 2021.

1737

ISA-Instituto Socioambiental. Cataclismo Biológico - epidemias na história indígena. Disponível em: <https://covid19.socioambiental.org/> Acesso em: 10 de julho de 2021.

MILLER, Daniel. Notas sobre a pandemia: como conduzir uma etnografia durante o isolamento social. Tradução: Camila Balsa e Juliane Bazzo. Disponível em: <https://blogdolabemus.com/2020/05/23/notas-sobre-a-pandemia-como-conduzir-uma-etnografia-durante-o-isolamento-social-por-daniel-miller/> Acesso em: 20 de maio de 2021.

MONTEIRO, John. Tupis, Tapuias e Historiadores: Estudos de História Indígena e do Indigenismo. Tese apresentada para concurso de livre docência. Campinas, Unicamp. 2001. PNASPI. Política Nacional de Atenção à Saúde dos Povos Indígenas. Brasília: Ministério da Saúde. Fundação Nacional de Saúde, 2002.

OLIVEIRA, Ana Caroline Amorim; ARAÚJO, Daisy Damasceno; CORRÊA, Katia Núbia Ferreira; FOLHES, Rodrigo Theóphilo. Estratégias de visibilidade em contexto pandêmico: o mapeamento da pandemia da Covid-19 entre povos indígenas no Maranhão. Espaço Ameríndio, Porto Alegre, v. 15, n. 2, p. 98-118, mai./ago. 2021.

PAULA, Luís Roberto. ROSALEN, Juliana. Uma visualização da pandemia da Covid19 entre povos indígenas no Brasil a partir dos boletins epidemiológicos da SESAI. maio/2020. Disponível em: [http://www.aba.abant.org.br/files/20200601\\_5ed561c92875e.pdf](http://www.aba.abant.org.br/files/20200601_5ed561c92875e.pdf) Acesso em 31 de maio de 2021.

REDE (CO)VIDA- Rede de Mapeamento da Covid-19 entre os povos indígenas no Maranhão. Disponível em: <https://www.redecovida2020.com/home> Acesso em 31 de maio de 2021.

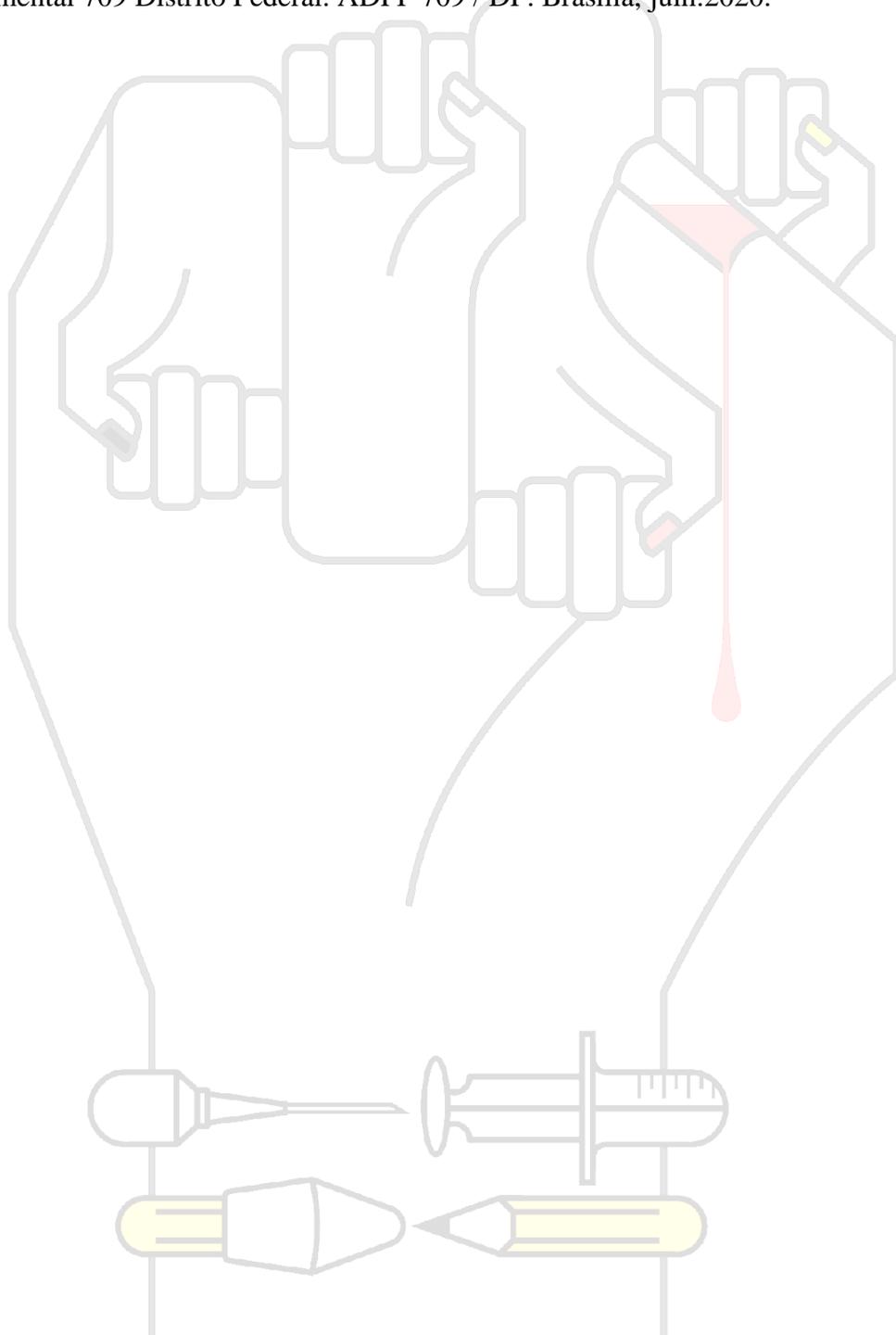


REDE (CO)VIDA- Rede de Mapeamento da Covid-19 entre os povos indígenas no Maranhão. Disponível em: @rede.covida. Acesso em 31 de maio de 2021. RIBEIRO, Darcy. Os índios e a civilização: a integração das populações indígenas no Brasil Moderno. Petrópolis, Vozes: 1986.

SCHETTINO, Marcos Paulo Froés. Índios na cidade: a necessária superação da ideia de índios aldeados e desaldeados. In: Perícia em antropologia no MPF: primeiras contribuições no combate à pandemia da Covid-19. Brasília: MPF, 2021.

SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL. Arguição de descumprimento de preceito fundamental 709 Distrito Federal. ADPF 709 / DF. Brasília, julh.2020.

1738



Realização:



Apoio:

